

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ 36: LETRAMENTOS MÚLTIPLOS E AUTONOMIA: REINVENTANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

MULTIPLE LITERACIES AND AUTONOMY: REINVENTING THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE AND LITERATURE

Ana Paula Martins Correa Bovo¹, Viviane Raposo Pimenta², Eliana Dias³

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, MG, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6380-6752>

e-mail: ana.bovo@uemg.br

² Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, MG, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0613-1901>

e-mail: viviane.pimenta@ufop.edu.br

³ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9805-5039>

e-mail: eliana.dias@ufu.br

EPÍGRAFE

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1998, p. 32).

Paulo Freire

INTRODUÇÃO

É uma alegria e uma responsabilidade imensa apresentar este **Dossiê 36: Letramentos Múltiplos e Autonomia: Reinventando o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura**.

Esses sentimentos se justificam quando atestamos que a elaboração deste número não foi apenas um trabalho de seleção e editoração dos artigos, mas um exercício de escuta sensível ao que está pulsando nas salas de aula e nas universidades brasileiras. O número expressivo de artigos recebidos – uma avalanche de boas ideias e relatos corajosos – confirma que o compromisso com a formação de professores e com a Educação Básica nunca foi tão urgente e necessário.

Este conjunto de textos ganha um contorno ainda mais especial no cenário atual, de impulsionamento pelas DCN 2024, que nos convocam a uma série de reflexões e ações necessárias à sua efetiva implementação, no tensionamento que sempre constitui a lida com a construção da formação de professores no nosso país, e também pelo recém-divulgado programa "Universidades Transformadoras" (Ofício Circular 1/2026/MEC), o qual nos convoca a pensar as licenciaturas imbricadas a eixos estratégicos, inovadores e inclusivos. O que você lerá aqui soa como uma materialização desse convite: pesquisas que não se fecham em "torres de marfim", mas que pisam com vontade o "chão da escola" para dialogar com memes, inteligência artificial, literatura vocalizada, inclusão radical e outros tantos temas que são abarcados aqui.

A seguir, apresentamos os 14 trabalhos selecionados, organizados com o carinho de quem acredita que a teoria deve nascer da prática e a ela retornar.

1. MULTILETRAMENTOS: RESSIGNIFICANDO O OLHAR E O PENSAR SOBRE O FAZER

Abrimos o dossiê com trabalhos que nos ensinam que ler e escrever hoje são atos de colaboração, de (co)criação, de ressignificação e também de presença digital.

No artigo **"Os Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura: produções textuais colaborativas na Educação Básica"**, os autores Jean Marcos Frandaloso e Maria Alzira Leite nos mostram como as tecnologias não são meros instrumentos, mas podem ser espaços de criação produtiva que desafiam o isolamento da escrita tradicional. Este trabalho investiga a potência das ferramentas digitais de escrita compartilhada como estratégia para romper com a solidão do ato de escrever na escola. Os autores analisam como a produção colaborativa fomenta a negociação de sentidos e a autonomia, permitindo que os estudantes atuem como coautores de seus percursos. A pesquisa demonstra que, ao interagir em plataformas síncronas, os alunos desenvolvem competências linguísticas e habilidades socioemocionais essenciais para a cidadania digital. É um convite para pensarmos a escrita como um evento social e dialógico, superando a avaliação centrada apenas no produto final.

Já a pesquisa **“Multiletramentos no livro didático: uma análise do Manual do Professor em coleções do PNLD 2026-2029”**, de Breno Silva Andrade e Milene Bazarim, mergulha na face estratégica do ensino, desvelando como os manuais que orientam nossos docentes refletem demandas políticas e escolhas autorais essenciais para o nosso tempo. Com um olhar aguçado sobre as políticas públicas de materiais didáticos, este artigo debruça-se sobre as orientações metodológicas destinadas aos docentes nas novas coleções aprovadas. A análise revela como o conceito de multiletramentos é transposto para as atividades propostas e de que maneira o "Manual do Professor" sustenta (ou limita) a autonomia pedagógica diante das tecnologias. Os resultados apontam para a necessidade de um professor-pesquisador que saiba ler as entrelinhas dos manuais, adaptando as propostas à realidade local. Trata-se de uma leitura vital para entender o engenho que move o currículo de Língua Portuguesa na atualidade.

Um dos momentos mais afetuosos desta seção é o texto **“Multiletramentos e Autonomia no Ensino de Língua Portuguesa: a resposta errada como dispositivo de reinvenção pedagógica”**, de Viviane Raposo Pimenta, André Soares Almeida e Ana Paula Martins Corrêa Bovo. Aqui, o erro é abraçado não como déficit, mas como uma janela de oportunidade para o professor e o aluno reinventarem juntos o sentido da aprendizagem. Neste texto instigante e sensível, os autores propõem uma mudança de paradigma sobre o erro no processo de aprendizagem. Em vez de ser punido ou silenciado, o equívoco é tratado como um "dispositivo de reinvenção", um sinalizador de como o estudante processa os multiletramentos em seu cotidiano. Por meio de relatos de sala de aula, o artigo demonstra como o diálogo sobre a "resposta errada" fortalece a confiança do aluno e a autonomia do professor, que passa a atuar como um mediador de processos cognitivos complexos. É uma celebração da pedagogia da escuta e do respeito ao tempo de aprendizagem de cada sujeito.

Em **“A pedagogia dos multiletramentos no ensino de Língua Portuguesa: a prática situada e ressignificada”**, acompanhamos a rotina de uma professora que, mesmo sem recursos luxuosos, faz da diversidade cultural e semiótica a sua principal ferramenta de trabalho. Ancorado na proposta do Grupo de Nova Londres, este artigo apresenta uma análise de práticas situadas que buscam dar sentido real ao ensino de

língua em contextos de diversidade. As autoras Ada Magaly Matias Brasileiro e Fernanda Araújo Pinheiro descrevem como o planejamento docente, ao considerar as bagagens culturais dos estudantes, consegue transformar conteúdos áridos em experiências de letramento significativo. O trabalho destaca a importância da "transformação da prática", onde o aluno não apenas consome informação, mas a recria de forma crítica. É um exemplo luminoso de como a pedagogia dos multiletramentos pode ser vivenciada de forma ética e transformadora no dia a dia da escola pública.

Em seguida, adentrando mais intimamente o âmbito da cultura digital, no artigo **“Multiletramentos, autoria docente e inteligência artificial generativa: narrativas digitais em contextos de cultura digital ampliada”**, Eduardo Fofonca e Jociana Maria Bill Kaelle discutem como o professor pode se manter autor no diálogo com algoritmos, criando narrativas que expandem a sala de aula. Diante do avanço das IAs, este artigo propõe uma reflexão necessária sobre o lugar da autoria. Os autores investigam como o uso de ferramentas generativas pode auxiliar no desenvolvimento de narrativas digitais sem anular a voz crítica do professor e do aluno. A pesquisa defende que a autonomia docente é o que garante o uso ético dessas tecnologias, transformando a IA em uma "parceira de criação" e não em uma substituta do pensamento. O texto oferece pistas preciosas sobre como navegar na cultura digital ampliada sem perder de vista o humanismo e a intencionalidade pedagógica que definem o ensino de Letras.

Fechando este bloco, temos a potência de **“Multiletramentos na aula de Língua Portuguesa: produção de podcasts literários a partir da obra heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”**, um trabalho que une identidade, tradição e tecnologia para dar voz a quem a história tentou silenciar. Este trabalho, dos autores Joaquim Júnior da Silva Castro, Camila Miranda de Machado e Francisco Rogiellyson da Silva Andrade, alia a tradição do cordel à modernidade dos podcasts para promover o letramento literário e a educação para as relações étnico-raciais. Ao produzir áudios sobre heroínas negras, os alunos exercitam a oralidade, a escrita de roteiros e a edição, mergulhando na história de resistência do Brasil. O artigo detalha as etapas de produção e o impacto dessa metodologia na autoestima dos estudantes e na valorização de identidades historicamente marginalizadas. É uma mostra contundente

de que os múltiplos letramentos podem ser ferramentas poderosas de emancipação e de combate ao racismo estrutural no currículo escolar.

2. GÊNEROS DISCURSIVOS: A VIDA COMO ELA SE APRESENTA NO AMBIENTE DIGITAL

Para este tópico, selecionamos textos que mostram como os gêneros discursivos podem ser abordados como formas de enunciados dinâmicos.

O artigo **“O Meme como gênero discursivo no ensino de Língua Portuguesa: múltiplos letramentos e autonomia discente em perspectiva dialógica”** investiga como o humor e a sátira podem ser a porta de entrada para uma leitura crítica e posicionada sobre o mundo social. O meme, muitas vezes visto apenas como entretenimento, é aqui alçado à categoria de objeto de estudo complexo. O artigo explora como a brevidade e a intertextualidade dos memes exigem do aluno uma imersão profunda no letramento visual e crítico para serem compreendidos e produzidos. Por meio de oficinas de criação, os autores Sergiana Cortez de Abreu, Maria Natália Coelho da Silva e João Batista Costa Gonçalves mostram que os estudantes conseguem articular sátira e posicionamento político, demonstrando uma autonomia que por vezes não aparece em gêneros tradicionais. A pesquisa reforça a ideia bakhtiniana de língua em uso, onde o riso e a crítica caminham juntos na construção do sentido.

Já em **“Explorando o gênero Charge animada em sala de aula: uma proposta de leitura na perspectiva dos multiletramentos”**, as autoras nos convidam a perceber como som, movimento e imagem se orquestram para produzir críticas sociais afiadas e necessárias. Este artigo analisa a transição da charge estática para a animada, focando nos novos desafios que a convergência de mídias impõe ao leitor da Educação Básica. Helena Maria Ferreira e Gerlane Garcia Teixeira Reis propõem uma sequência didática que ensina o aluno a ler não apenas o texto escrito, mas a "gramática do movimento" e dos sons que compõem a animação. O estudo destaca que a charge animada é um gênero privilegiado para trabalhar a ironia e a denúncia social e a compreensão e interpretação de discursos multimodais

complexos. É um exemplo para professores que desejam trazer a cultura visual contemporânea para o centro do debate em sala de aula.

3. ESCRITA: DESAFIOS DA AUTORIA E DO CONTEMPORÂNEO

Escrever hoje é um ato de resistência contra o apagamento e a robotização. Essa é, de forma geral, a tônica dos textos deste tópico.

No texto **“Escrever para a prova e escrever para a vida: reflexões sobre o ensino da escrita no ensino médio”**, de Gustavo Augusto de Abreu Clevelares e Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca, somos levados a refletir sobre a tensão entre as exigências do ENEM e a necessidade de formar escritores que intervenham eticamente na vida pública. Este texto aborda a dicotomia enfrentada por professores que se dividem entre o treinamento para o ENEM e o desejo de formar escritores autônomos. Por meio de entrevistas e análises de produções textuais, os autores discutem como a "escrita para a vida" requer uma entrega subjetiva que as provas de larga escala muitas vezes ignoram. O artigo propõe caminhos para que o ensino médio não seja apenas um período de preparação para um momento ou exame específico, mas um espaço de experimentação onde o aluno descubra sua própria voz. É um apelo pelo direito à escrita autoral, ética e conectada com as urgências sociais do jovem contemporâneo.

O debate ganha fôlego com **“A inteligência artificial como agente da estadunização e apagamento autoral na escrita de textos em Português”**, de Adria Marcelly Tavares Mouzinho e Rosana Siqueira de Carvalho do Vale, já que o texto pode ser descrito como um alerta sobre como ferramentas estrangeiras podem silenciar nossas marcas regionais e culturais, reforçando a necessidade de uma consciência linguística decolonial. Com um tom crítico e necessário, este trabalho alerta para os riscos de colonização linguística embutidos nos algoritmos de IA. Os autores demonstram como as ferramentas de escrita automática tendem a padronizar o Português sob uma lógica anglo-saxônica, apagando regionalismos e nuances da nossa língua. O artigo defende que o ensino de escrita deve incluir o letramento crítico sobre dados, capacitando o aluno a identificar e resistir a esses apagamentos. É uma

contribuição fundamental para o debate sobre soberania digital e o papel do professor de português como guardião da diversidade linguística e da autoria.

4. LITERATURA: O ENCONTRO COM A PALAVRA

Reinvenção e autonomia estão presentes de forma potente também nestes artigos que trazem à baila discussões sobre a recepção e a voz.

O texto **“Práticas leitoras em tempos líquidos: experiências de leitura literária entre adolescentes na era digital”** investiga o "sentido da leitura" para jovens imersos em telas, revelando que a literatura contemporânea juvenil e o livro impresso ainda são portos seguros de acolhimento emocional. Lucivan Rosa Costa e Eliana Márcia dos Santos Carvalho investigam como o prazer da leitura sobrevive em um mundo de estímulos rápidos e fragmentados. A pesquisa revela que, longe de estarem "desinteressados", os adolescentes buscam na literatura espaços de identificação e refúgio para suas angústias. As experiências relatadas mostram que a mediação do professor é o elo que permite ao jovem transitar da leitura superficial para a imersão estética mais profunda e nos ajudam a compreender as novas configurações do leitor juvenil e a importância de oferecer textos que dialoguem com sua sensibilidade. O relato nos instiga a pensar também na relação entre o cânone e o contemporâneo, o local e o global, o popular e o erudito e em formas de construir pontes entre esses polos, valorizando o repertório do alunado e pensando em gestos de valorização da literatura brasileira.

Em **“Por uma leitura literária vocalizada com alunos do ensino médio”**, de Samuel Ivan Kühn e Rildo Cosson, somos lembrados da importância de "provar a textura do texto na voz". O relato mostra como a leitura expressiva feita pelo professor pode tocar profundamente a vida dos alunos, criando laços de alteridade e presença. Este artigo defende o retorno da voz à sala de aula como forma de despertar a sensibilidade literária. Os autores relatam como a leitura em voz alta, feita de forma expressiva e intencional, funciona como um convite ao encantamento e à compreensão afetiva do texto. A pesquisa observa que, ao ouvir a materialidade sonora da poesia e da prosa, os alunos do ensino médio estabelecem uma conexão mais carnal com o cânone e com a literatura contemporânea. É um trabalho que

valoriza o corpo e a presença do professor como o primeiro grande mediador que empresta sua voz para que a literatura ganhe vida.

Concluindo este bloco, **“Ensino por projetos educacionais na prática: da poesia barroca ao poema digital”** nos transporta a uma jornada lúdica e investigativa, onde o clássico e o contemporâneo se encontram para provar que a poesia é uma energia que se renova através dos séculos. Como o barroco pode dialogar com o Instagram ou com a poesia visual digital? Elaine Cristina Carvalho Duarte responde a essa pergunta por meio de um relato de experiência sobre o ensino por projetos. O texto descreve como os alunos foram desafiados a encontrar as "tensões barrocas" em suas próprias vidas e a expressá-las por meio de poemas multimodais e o resultado é um aprendizado que desmistifica o clássico e o torna atual, provando que a literatura é uma linguagem sem prazo de validade. O projeto destaca a autonomia dos estudantes na curadoria de imagens e palavras, transformando o estudo da literatura em um processo criativo e investigativo.

5. INCLUSÃO: UM OLHAR PARA TODOS E PARA CADA UM

Finalizamos com o artigo **“O uso do desenho universal para a aprendizagem (DUA) como perspectiva educacional nas aulas de Língua Portuguesa”**, de Giovana Cerqueira Lopes Nunes, Thayanne Azevedo e Milene Maciel Carlos Leite. Este trabalho é um abraço na diversidade escolar, demonstrando como o planejamento colaborativo entre professoras de língua e de educação especial pode criar caminhos de equidade, nos quais a diferença é a maior potência da sala de aula. Foi com este artigo que decidimos fechar este dossiê, um trabalho que se coloca na base de uma educação para todos. O artigo discute como o Desenho Universal para a Aprendizagem pode ser vivido no ensino de língua de modo a proporcionar que barreiras físicas e cognitivas sejam superadas. As autoras detalham estratégias de ensino colaborativo e a criação de materiais acessíveis que beneficiam não apenas alunos com deficiência, mas toda a turma através da diversificação de estímulos. É um manifesto em favor da equidade, mostrando que a autonomia só é plena quando todos, sem exceção, têm as ferramentas necessárias para participar da cultura escrita.

Este dossiê é, portanto, um convite ao diálogo. Que essas pesquisas e relatos de prática inspirem você, leitor(a), a também reinventar seu fazer docente, sempre com o compromisso científico e o calor do afeto que a educação nos demanda.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Sobre as autoras

Ana Paula Martins Corrêa Bovo

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestra em Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada em Letras e Bacharel em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi bolsista da FAPESP e da FAPEMIG. Atua há 22 anos na formação de professores, sendo 13 deles na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), onde atualmente coordena o Centro de Linguagens da Unidade Passos. É coordenadora da ação extensionista Escrevendo com(o) professores há 6 anos. Seus interesses de trabalho estão ligados a temáticas relacionadas a metodologias de ensino-aprendizagem de línguas, a práticas de linguagens no domínio acadêmico, a determinadas perspectivas de análise discursiva e ao campo de formação de professores, de modo geral.

Viviane Raposo Pimenta

Graduada em Direito, em Letras Português-Inglês e respectivas Literaturas e em Pedagogia. Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutora em Letras pela PUC - Minas, tendo realizado período de PDSE na Université de Lorraine (França). Realizou Pós-Doutoramento na Université de Lorraine (França). É professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-MG), atuando na Graduação e na Pós-Graduação em Letras. Dedicar-se aos estudos no campo da Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de línguas, formação de professores de línguas, letramentos, multiletramentos, letramentos acadêmicos e profissionais, *métier* docente, autonomia docente/discente e internacionalização. Autora dos livros *Professor só dá aula?* - em coautoria com Ada Brasileiro - e *Pesquisa qualitativa em educação* - em coautoria com Márcia Ambrósio. É membro fundadora do Laboratório de Linguagens - LALIN - UFOP e vice-líder do Grupo de Estudos em Letramentos e Profissionalização do Professor (GELP). É assessora da Diretoria de

Relações Internacionais; coordenadora do Centro de Línguas e Culturas (CLIC-UOFP) e coordenadora da ação extensionista Escrevendo com(o) professores.

Eliana Dias

.
Pós-Doutora pela Universidade Federal de Catalão – UFCat, Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e Graduação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Possui vasta experiência na educação Básica, tendo lecionado em Escolas Estaduais e na Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA – UFU - Escola de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia). Atualmente é professora efetiva titular do ensino superior, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU). É docente do programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS-UFU. Coordenadora (líder) do grupo de pesquisa: PLex (Grupo de pesquisas em Léxico), dentre outras.